

O PODER DAS IMAGENS

“Representações visuais têm a capacidade de copiar a realidade mas também de produzi-la. Dito de outra maneira, elas não funcionam somente como espelho do cotidiano que afirmam presenciar”.

Lilia Schwarcz¹

Desde os tempos mais longínquos, o ser humano representa a si e a sua realidade através de imagens. Das pinturas rupestres até as avançadas tecnologias fotográficas, as imagens guardam imensa potência de informação e representação de um momento. Entretanto, como bem atenta a antropóloga Lilia Schwarcz, as imagens não só representam, mas também produzem realidades. Ao capturar um momento, escolhe-se o que mostrar e o que não mostrar. É como um jogo de luz e sombras, onde há visibilidades e outras tantas invisibilidades.

Devido a este poder que as imagens possuem, é que cada vez mais cientistas sociais das mais diversas áreas têm se dedicado a estudar essa poderosa ferramenta discursiva. Olhar analiticamente para estas representações é tarefa urgente do nosso tempo, para entender que poderes e regimes se escondem e produzem o que estas imagens mostram. A respeito das Ciências Sociais no Brasil, as representações por imagem são grandes parceiras nas áreas de estudos, visto que desde etnicamente relevante para a antropologia até as novas formas de contestar estereótipo - este uma imagem em representação do imaginário social - as imagens são aliadas e ferramentas de produções teóricas que buscam questionar a hegemonia vigente. Este é sobretudo um apelo aos mais novos pesquisadores: não deixemos a imagem do nosso povo morrer, que possamos lembrar e multiplicar nossa força e nossa arte, as nossas representações de luta, nossa ancestralidade. Somos parte de um país que necessita democracia, somos parte de uma Academia que pode e deve ser utilizada em nosso favor.

Contribuindo com esta tarefa urgente, a Revista *Habitus* tem o prazer de apresentar seu 16º volume, que conta com 4 artigos que fazem parte do **Dossiê Ciências Sociais e Imagem**. Essa iniciativa surgiu dessa urgência das Ciências Sociais de tratarem cada vez mais desse assunto. Foi um primeiro dossiê arriscado, pois este tema não é predominante. Mas depois de 15 anos de existência, a necessidade de se reinventar e propor novos caminhos e discussões é a tarefa da Revista *Habitus*.

Nesse sentido, demos um importante passo: nesta edição, apresentamos uma nova capa com mudanças de cores, visuais e estéticas, marcando este novo período que se iniciou na Revista. Acreditamos que a mudança é o motor da História e estamos buscando cada vez mais transformar e atualizar-nos.

¹ SCHWARCZ, Lilia. Sobre as imagens: entre a convenção e ordem. In: GOMES, F. e SCHWARCZ, L. (Orgs.). *Dicionário da Escravidão e Liberdade: 50 textos críticos*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Não poderíamos realizar este Editorial sem prestar nossas condolências a todo o corpo profissional e estudantil do Museu Nacional, que completou 200 anos em 2018 e sofreu um grave incêndio no dia 2 de setembro deste mesmo ano. Se estamos falando de imagens, a de um Museu em chamas diz muito. Esta é uma perda que ainda sentimos demais. Porém não é tempo de lamentar, mas sim resistir. MUSEU NACIONAL VIVE!

Pedimos ainda as mais sinceras desculpas à toda a comunidade acadêmica e sociedade em geral pelo atraso em relação ao padrão de publicação. Como dissemos em nosso último Editorial, a Revista vem passando por um intenso processo de reformulação, que nos custou a saída de muitos membros valiosos e com mais experiência, o que acabou por prejudicar e atrasar todo o processo de publicação.

Quanto à edição atual, apresentamos oito novos artigos sendo quatro deles do Dossiê Ciências Sociais e Imagem, uma resenha e uma entrevista.

No primeiro artigo do Dossiê, **“Desenhando o Campo: uma experiência etnográfica na Cinelândia, Rio de Janeiro”**, Maria José de Amar explora o uso do desenho enquanto metodologia para a pesquisa antropológica. Lançando mão de uma bibliografia tanto da antropologia como de outras áreas relacionadas ao desenho, o objetivo não é ser uma etnografia da Praça Marechal Floriano, mas sim apresentar novas possibilidades metodológicas.

Já o segundo artigo do Dossiê, **“Diálogos entre o filme “Leviatã” (2014) de Andrey Zvyagintsev e a obra hobbesiana”**, Betina Sauter e André Pezzutto nos apresentam uma análise refinada da obra de Hobbes a partir dos diálogos estabelecidos com o filme que leva o nome da mais conhecida obra do autor: O Leviatã. Propondo uma nova interpretação e aplicação de conceitos a partir do filme, os autores incentivam reflexões acerca da política e do poder.

Igor Perrut, em **“Entre a calamidade pública e a metáfora da guerra: representação social da violência e a cidade do rio em 2017”** traz uma importante contribuição sobre a construção social da legitimidade da violência no tido como o ano dos grandes debates sobre segurança pública. É uma reflexão que objetiva compreender como se conformam certos repertórios morais que são mobilizados para lidar com as situações de violência.

“Proteção ao emprego e renda em tempos de crise: o PPE na Man Latin America” é a contribuição de Lucas Lemos para esta edição ao tratar das relações Estado-mercado no estudo de caso da implementação do Programa de Proteção ao Emprego (PPE) na Man Latin America, empresa pertencente à indústria automotiva brasileira. O autor apresenta a análise dos acordos firmados neste processo para demonstrar que, sociologicamente, o PPE atua na manutenção das relações sociais desenvolvidas pelos trabalhadores em suas diversas redes sociais.

Neste que é o terceiro artigo do Dossiê, Fabricio Longo em **“Rebolando para entender os memes: performatividade masculina e disputas identitárias em festas gays e linguagem da internet”** realiza, a partir de dados empíricos e diálogos teóricos, uma análise das “identidades gays” e o universo de disputa que marcam o movimento LGBT contemporâneo. Dessa forma, apresenta como essas identidades são produzidas em contextos informais e de maneira elas se relacionam com esses recursos visuais, os memes.

Diego Rocha apresenta uma importantíssima contribuição aos estudos sobre o Ensino Superior no Brasil em **“Reprodução de Desigualdades nos Resultados Educacionais: O Caso do Ensino Superior Brasileiro”**. O autor, ao analisar a expansão e tentativa de diversificação do Ensino Superior a partir dos anos 2000, adiciona uma variável muito relevante para entender este fato: o desempenho dos estudantes. Dessa maneira, colabora para o entendimento das dinâmicas de ocupação das vagas desta parte do ensino brasileiro.

Em **“Salve-se quem puder! Uma análise das relações entre passageiros e motoristas no ônibus urbano”**, Luísa Surerus se baseia em uma observação participante para discutir a hierarquia existente entre motoristas e passageiros de ônibus urbanos no Rio de Janeiro. Mesclando relatos e abordagens teóricas, a autora discute os conflitos existentes neste modal de transporte público e aponta caminhos possíveis para sua diminuição.

No último artigo da edição e também do Dossiê, Vitor Rodrigues nos presenteia com uma discussão sobre retratos e, conseqüentemente, sobre o rosto humano em **“Sentidos do retrato: rostos que se exprimem e se calam”**. O autor apresenta o debate sobre expressões faciais e também usos diversos dos retratos e do rosto e termina por propor pensar ambas as coisas - os rostos e os retratos - enquanto linguagem.

A resenha desta edição, elaborada por Vinícius Venancio, é do livro **“Tão Longe Tão Perto. Famílias e “Movimentos” na Ilha da Boa Vista de Cabo Verde”**, da antropóloga Andréa de Souza Lobo. Nele, a autora discorre sobre a organização e formação de famílias na Ilha Boa Vista, mas também sobre circulações e mobilidades que perpassam esse processo.

Em entrevista realizada com a antropóloga Bárbara Copque, buscamos refletir, a partir de sua trajetória acadêmica e profissional o tema proposto no dossiê. Afinal, é possível que as ciências sociais dialoguem com a imagem - nesse caso com a fotografia - e formem um campo específico de estudos? Como? Barbara Copque mostra como a fotografia dialoga com a antropologia e contribuiu em seus estudos permitindo, por exemplo, uma melhor negociação no campo e atenção a detalhes que o gravador não tem acesso sozinho. Ao mesmo tempo em que a antropologia contribuiu para o acesso a diversas camadas presentes em uma fotografia. A partir de seus relatos do uso da câmera fotográfica em seus trabalhos de campo, Copque nos mostra as possibilidades diversas de pesquisa que podem unir fotografia e antropologia (e as ciências sociais de modo geral), ressaltando também as dificuldades atuais ao lidar com imagem fotográfica em um mundo com câmeras digitais e direitos autorais.

Por fim o Comitê Editorial da Revista *Habitus* gostaria de agradecer a todos que contribuíram com a nossa nova edição. Em especial aos pareceristas que dedicaram tempo e esforço para garantir a qualidade dos artigos e seu padrão de rigor científico: Mariana Leal, Ana Lucia Martins, Reginaldo Perez, Mario Missagia, Osmundo Pinho, Gibran Teixeira, Tatiana Bacal, Marcos Albuquerque, Renato de Oliveira, Glicia Salviano, Ricardo Bortoli, Rodrigo Monteiro, Elaine Venzon, Gustavo Bezerra, Jésio Zamboni, Dagoberto Bodin, Sandro Almeida e Iana dos Santos.

Desejos a todos uma boa leitura! 🍷